

O Lugar das Filarmónicas

Reflexões sobre as festas religiosas e a funcionalidade do repertório - Parte I

As bandas filarmónicas estão de uma forma geral conotadas com festividades várias, na sua maioria de cariz religioso. Estas últimas, como se sabe, incluem sempre uma parte religiosa e uma parte profana, à partida autorizada pela igreja católica, na pessoa do bispo competente.

Na parte religiosa católica, pouco há a dizer em termos musicais, já que as formas estruturais do repertório não mudaram muito ao longo dos séculos, assim como não mudaram (após o nascimento das bandas) os rituais do serviço litúrgico, a não ser após o Concílio do Vaticano II, em que se verifica a autorização da prática dos rituais em língua vernácula, pelo que na missa e demais ofícios em que as bandas participassem houve uma simples adaptação, com novos cânticos em português a substituir o latim. Esta adaptação não é obrigatória, já que várias partes da missa e dos ofícios julgo poderem ser feitas em latim. Também não influenciou o tipo de escrita musical, ou seja, o repertório cumpre as funções requeridas, as regras são claras e não é do interesse das bandas nem da igreja mudar o que quer que seja. Parece até que há uma tendência para dispensar as bandas desta função, em parte pela positiva proliferação e desenvolvimento quer da quantidade, quer da qualidade dos coros de igreja nas paróquias.

Na procissão, a banda mantém-se funcional, onde mais uma vez não parece haver um interesse ou necessidade de mudar o tipo ou a forma das marchas.

A parte profana das festas é a que sofreu ao longo dos tempos mais transformações. Pode-se dividir em dois tipos distintos de performance: A actuação de rua e a actuação de palco.

De uma forma geral a imagem que a maioria da população tem das bandas associa-se às actuações de rua, parece estar incutido no senso comum a ideia da “banda a passar”. A actuação de rua inclui as chamadas entradas; arruadas e despedidas e as já referidas procissões.

As entradas podem-se definir como pequenos desfiles que marcam o início dos festejos do dia ou a chegada da banda, onde há um desfile de um qualquer ponto da localidade até ao local dos festejos, muitas vezes coincidente com a parte frontal da igreja quando se tratam de festas religiosas, sendo em algumas zonas usual a volta completa à igreja em desfile.

As despedidas são igualmente um pequeno desfile que marca o final dos festejos do dia ou da actuação da(s) banda(s), sendo também usual em algumas zonas, terminar com a volta à igreja, finalizando junto à entrada principal.

Mais uma vez, tal como na parte religiosa, não tenho conhecimento de mudanças significativas a estas actuações, nem de qualquer interesse das bandas em alterar a forma como são feitas. Depreendo que também aqui as bandas estarão enquadradas na sua funcionalidade.

As arruadas são desfiles mais longos que percorrem as ruas da localidade e por vezes localidades vizinhas em peditórios, ou simples anúncio das festividades.

Aqui já se verificam algumas tendências de mudança, numa tentativa de diminuir a duração ou extensão da arruada, essencialmente por interesse das bandas.

É normalmente do interesse das entidades organizadoras que a arruada percorra o maior número de ruas possível, quer porque dá maior visibilidade à festa, quer porque por vezes os contributos monetários oferecidos à organização das festas por particulares dependem da passagem da banda por esta ou aquela rua.

Na minha opinião as próprias bandas devem definir a sua posição nestas circunstâncias, através de condições contratuais. Se o investimento musical ou monetário é elevado, quer em tempo, quer em dinheiro, não se justifica que uma banda de mais de 40 músicos passe uma manhã de domingo a percorrer ruas com músicos que treinaram centenas de horas para tocarem bem, coisa que se torna pouco provável ao fim de 2 ou 3 quilómetros, além da exposição ao sol e por vezes à chuva de instrumentos caríssimos e consequente rápida degradação. Quero com isto dizer que uma banda que se ache vocacionada para efectuar essencialmente este tipo de actuações não necessita de investir muito em formação ou instrumental. De uma forma geral, a população e as entidades contratadoras são pouco sensíveis à qualidade musical, pelo que as próprias bandas têm que se preocupar com isso, quando as possibilidades o permitem.

Levanta-se muito a questão da tradição como justificação para as enormes arruadas em algumas localidades. Não sendo uma falsa questão, parece-me um pouco desajustada, já que se recuarmos umas décadas atrás, efectivamente algumas bandas eram muito mais pequenas e a qualidade dos músicos e dos instrumentos era menor, havendo portanto uma melhor adequação a este tipo de trabalho. O maior problema que se levanta é o do mercado, ou seja, as bandas que têm mais interesse nos concertos vêm-se obrigadas a efectuar este tipo de serviço para serem contratadas para a festa como um todo. Aqui é importante a decisão por parte da banda ou quem a represente em definir quais os interesses e conjugá-los com as necessidades financeiras.

Há agrupamentos mais vocacionados para grandes arruadas, em algumas zonas chamados de tunas. Têm poucos elementos e o seu repertório é constituído essencialmente por marchas, tornam-se mais baratas que as bandas e preenchem um lugar que lhes pertencia anteriormente. Há algum preconceito por parte das bandas em serem comparadas com tunas, preconceito esse muito errado na minha opinião. Uma tuna é basicamente uma banda de rua com menos músicos, tem funções definidas e orienta o seu trabalho no sentido de as cumprir. Poderiam existir bandas exclusivamente de rua, que seriam muito melhores que as tunas e teriam o seu mérito no seu campo, que não é mais nem menos importante que as actuações de palco. A própria qualidade dos desfiles poderia melhorar, se a atenção da banda se centrasse neles: fardamento mais chamativo; inovações no repertório; efeitos de coreografia; etc.

Numa próxima reflexão abordarei o campo das actuações de palco das bandas. Antecipo no entanto uma conclusão que, apesar de discutível, me parece merecer alguma atenção:

Em primeiro lugar, parece-me que as bandas evoluem mais rápido do que as condições do seu mercado tradicional, portanto mais tarde ou mais cedo vão ter que criar condições e público para novos tipos de actuações. Em segundo, parece-me que seria uma boa estratégia que as próprias bandas se especializassem no tipo de actuações que lhes fosse mais propício, começando a dividir-se entre bandas de rua e bandas de palco, por exemplo.

Luis Cardoso

Março de 2003